



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

NATÁLIA JERÔNIMO DA SILVA MORENO EHRICH

**DISLEXIA E CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA DE 2002 A 2013**

**CAJAZEIRAS- PB
2014**

NATÁLIA JERÔNIMO DA SILVA MORENO EHRICH

**DISLEXIA E CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA DE 2002 A 2013**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como critério de conclusão de curso de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Paz e Albuquerque.

**CAJAZEIRAS-PB
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

E336d Ehrich, Natália Jerônimo da Silva Moreno

Dislexia e ciência: uma análise da produção acadêmica brasileira de 2002 a 2013. / Natália Jerônimo da Silva Moreno Ehrich. Cajazeiras, 2014.

44f. : il.

Bibliografia.

Orientador(a): Tiago Paz e Albuquerque.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

NATÁLIA JERÔNIMO DA SILVA MORENO EHRICH

**DISLEXIA E CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA DE 2002 A 2013**

Aprovada em: _____ de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Paz e Albuquerque – Orientador
Unidade Acadêmica de Educação – UFCG/Cajazeiras

Prof. Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira - Examinador
Unidade Acadêmica de Educação – UFCG/Cajazeiras

Prof^ª. Me. Nozângela Maria Rolim Dantas - Examinadora
Unidade Acadêmica de Educação – UFCG/Cajazeiras

Prof^ª. Dr^ª. Hérica Paiva Pereira - Suplente
Unidade Acadêmica de Letras – UFCG/Cajazeiras

DEDICATÓRIA

Ninguém entra ou sai da vida de alguém sem que fiquem marcas. Bom mesmo é quando essas marcas são positivas, verdadeiras lições de vida e exemplos de amor. Na minha vida foram e são inúmeras pessoas com as quais pude contar sempre.

Aos meus filhos e meu esposo, que compreenderam a minha luta para galgar de um melhor nível intelectual, suportando com serenidade, paciência e amor, a minha ausência no lar.

A todos que direto ou indiretamente fizeram parte dessa trajetória que hora se torna tão importante em minha vida, professores, amigos, companheiros(a) de jornada, que foram muitos.

A você, Deus, genitor da minha vida, dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus presença viva em minha vida. Sem esta força maior, eu jamais teria conseguido chegar ao final deste curso, pois nas horas das atribuições sempre surgia uma luz no final do túnel.

Aos meus pais Francisco Batista e Geralda Jerônimo, como também aos meus sogros Marilene Ehrich e Moacir Moreno que me deram apoio, não medindo esforços para a concretização de mais uma etapa de minha vida, estendendo a mão nas horas das dificuldades.

Aos meus familiares, que não demonstraram egoísmo e caminharam comigo de mãos dadas, não medindo esforços, suportando toda minha ausência, em especial ao meu esposo e filhos, que sempre me apoiaram e valorizaram a minha luta para a conclusão dessa graduação.

Aos Mestres do CFP, Campus Cajazeiras, pelo esforço e dedicação com que me orientaram durante este curso, partilhando informações e experiências profissionais, enriquecendo meus conhecimentos.

Ao meu orientador Tiago Paz e Albuquerque, pela paciência, dedicação e orientação nesta pesquisa e na formulação e concretização deste trabalho monográfico.

“(...) Como estudante, ele era apenas um ótimo violinista. As suas notas eram tão más que chegou a abandonar os estudos por um tempo. Depois de muito esforço, conseguiu formar-se, mas ninguém acreditava no seu futuro. Esse aluno, por muito rotulado de preguiçoso e desinteressado, era Albert Einstein. Embora tivesse uma inteligência superior e uma ótima habilidade com cálculo, ele sofria muito para ler ou escrever na sala de aula (...)”.

Zenti, L. (2000). Dislexia: O Distúrbio das letras

RESUMO

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que afeta crianças em todos os níveis educacionais, dificultando a leitura e escrita e conseqüentemente sua compreensão, sendo geralmente diagnosticada no início do processo de alfabetização. O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção acadêmica brasileira de artigos sobre o tema, identificando o perfil dessa produção, em que áreas do conhecimento tem sido publicadas e os modelos explicativos geralmente utilizados. Procuramos fazer uma revisão bibliográfica do tema, traçando um histórico, alguns conceitos, causas e sintomas. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica na base de dados da Scielo, biblioteca eletrônica de periódicos de livre acesso. A metodologia utilizada foi quantitativa e qualitativa. Apontando para as áreas da neurologia e da psicologia que mais publicaram acerca da dislexia. Entre os resultados, foram encontrados 56 (cinquenta e seis) artigos, distribuídos entre os anos de 2002 e 2013, nas áreas da psicologia (36%), neurologia (21%), oftalmologia (11%), fonoaudiologia (18%), pedagogia (5%), entre outros não identificados (6%). Dentre essas publicações o modelo explicativo mais usado é modelo da área médica com (58% (cinquenta e oito) das publicações. A nossa intenção é levantar questionamentos acerca das visões conflitantes sobre a dislexia e mostrar que o seu conceito é algo em construção, porém, apesar de adotados diferentes modelos explicativos há uma contribuição inequívoca para o tratamento e acompanhamento à criança disléxica.

Palavras-chaves: Dislexia; Campo intelectual; Produção Acadêmica Brasileira.

ABSTRACT

The dyslexia is a learning disturbance that affects children in all of the education levels, hindering the reading and writing and consequently their understanding, being usually diagnosed in the beginning of the literacy process. The present work has as objective analyzes the production academic Brazilian of articles on the theme, identifying the profile of that production, in that areas of the knowledge have been published and the explanatory models usually used. We tried to do a bibliographical revision of the theme, drawing a report, some concepts, causes and symptoms. A bibliographical research was accomplished in Scielo's base, newspapers' electronic library of free access. The used methodology was quantitative and qualitative. Appearing for the areas of the neurology and of the psychology that more they published concerning the dyslexia. Among the results, 56 (fifty six) were found, distributed among the years of 2002 and 2013, in the psychology's area (36%), neurology (21%), ophthalmology (11%), fonoaudiologia (18%), pedagogy (5%), among other no identified (6%). Among those publications the explanatory model more used is model of the medical area with (58% (fifty eight) of the publications. Our intention is to lift questions concerning the conflicting visions on the dyslexia and to show that their concept is something in construction, however, in spite of having adopted different explanatory models there is an unequivocal contribution for the treatment and attendance to the dyslexic child.

Word-key: Dyslexia; Intellectual field; Brazilian Academic Production.

LISTA DE SIGLAS

CFP - Centro de Formação de Professores

EI - Educação Infantil

ABD - Associação Brasileira de Dislexia

IDA - Internacional Dyslexia Association

PCN - parâmetros Curriculares Nacionais

BM - Banco Mundial

BIRD - Banco Interamericano de Desenvolvimento

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

APAD - Associação de Pais e Amigos dos Disléxicos

INAF - Índice de Alfabetismo Funcional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CONSTRUÇÃO (SOCIAL) DA “DISLEXIA”	14
1.1 Breve histórico e alguns conceitos	14
1.2 A criança “disléxica” na escola.....	18
1.3 A aprendizagem na dislexia	20
1.5 A aprendizagem na dislexia	24
2 “DISLEXIA” E O SEU CAMPO CIENTÍFICO	29
2.1 O conceito de campo intelectual	29
2.2 A dislexia e a produção de sentidos pelo “campo científico”	30
3 METODOLOGIA	34
4 ANÁLISE GERAL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE “DISLEXIA”	36
4.1 Quantitativo dos artigos publicados sobre dislexia na Scielo	36
4.2 Classificação dos trabalhos por área do conhecimento.....	37
4.3 Modelos explicativos atribuídos à “dislexia”	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERENCIAS	44
ANEXO. Lista de artigos sobre dislexia na base de dados da Scielo (2002-2013) ..	47

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é visível o inúmeras crianças que sofrem com problemas de aprendizagem. Todos os problemas apresentam características distintas, embora muitas vezes tenham diagnósticos distorcidos e contrários ao que se passa no universo de cada criança.

Perceber a maneira como se aprende e o porquê de muitos sujeitos inteligentes e geniais sentirem dificuldades de aprendizagem em seu percurso escolar vem estimulando pesquisadores e produzindo décadas de pesquisas. Dentre essas questões, nossa atenção volta-se para a dificuldade de aprendizagem no que concerne a aquisição da leitura e da escrita que comumente tem sido chamada por “dislexia”.

Desenvolver a capacidade de leitura e escrita em uma criança gera grande expectativa, seja dela própria ou, e principalmente, do seu entorno, pais, familiares e professores. Aquisição essa, que se inicia nos primeiros anos de escolarização, ou seja, na Educação Infantil (EI).

Aspira-se que todas as crianças aprendam a ler e escrever ao mesmo tempo, se bem que, nem todas elas estão prontas para aprenderem da mesma forma e assim, desenvolver habilidades iguais. No que concerne o aprendizado da leitura e da escrita, é necessário assinalar que, alguma criança conceberá alguma dificuldade, uma vez que, delas consiste em diferentes habilidades que antes não se faziam urgentes.

Essas questões estão inseridas no âmbito do “insucesso escolar”, constitui-se ela em problemática complexa e desafiadora que assinala para o imperativo de buscar alternativas que possam minimizar tal situação. Embora a identificação de dificuldades na aprendizagem escolar venha crescendo e, novas visões sobre o processo de ensino-aprendizagem surjam, considera-se que estas deverão valorizar as expectativas e anseios dos aprendizes que passam por problemas de aprendizagem muitas vezes não diagnosticados em tempo hábil.

A dislexia tem sido considerada por alguns estudiosos (PAIN, 1994; FONSECA, 1995) uma das que mais tem chamado atenção na atualidade. Dessa maneira, a dislexia interfere na forma como as crianças compreendem e veem o mundo, já que é considerada, numa certa perspectiva “biologizante”, um fator de ordem neurológica.

Nos últimos anos, percebe-se um grande aumento do interesse sobre a “dislexia”, o que fica bastante evidente de acordo com as informações reunidas por Massi (2007) a respeito do número de entidades/associações científicas ou não, publicações, produções culturais e instrumentos de diagnóstico, tratamentos etc.

Embora tenha se observado um claro aumento do interesse e das possibilidades de tratamento e melhoria da aprendizagem da criança “dislética”, observa-se na literatura acadêmica uma clara divergência nos fatores explicativos e na caracterização geral do que viria a ser a dislexia.

Ainda de acordo com Massi (2007), apesar de a dislexia ser vista por muitos pesquisadores como um problema de ordem neurológica, que afeta a leitura e a escrita, a dislexia é uma doença que deve ser tratada à base de medicamentos; enquanto que outros consideram que um problema neurológico ou doença não seria capaz de afetar apenas a aquisição da leitura e da escrita, devendo ser considerada como uma dificuldade dos sujeitos que estão a se apropriar da leitura e da escrita – dificuldade considerada natural para estudiosos da alfabetização e do letramento. Conforme esta autora salienta, a literatura científica sobre a dislexia é, em muitos aspectos, controversa desvelando as fragilidades dos fundamentos do diagnóstico corrente dessa patologia. “A falta de posição conclusiva acerca dessa temática” (p. 22) e “a inexistência de consenso para o que tem sido definido (p. 30).

Diante dessas divergências, propomo-nos uma análise da produção acadêmica nacional sobre dislexia, publicada em periódicos de acesso livre (open access), limitando-nos a base de dados da rede Scielo, procurando identificar qual a perspectiva explicativa, geral, tem sido utilizada por pesquisadores brasileiros, de diferentes áreas, à respeito da dislexia. Consideramos igualmente importante, realizar uma caracterização dessa produção, procurando identificar quais as áreas do conhecimento mais tem publicado sobre o tema; se tem havido realmente um aumento ou uma redução do interesse sobre a temática; e, também, quais questões têm sido principalmente levantadas em torno da dislexia.

Este trabalho está dividido em quatro partes. No primeiro (1º) capítulo, resumimos algumas questões gerais acerca da dislexia, histórico, conceitos e debate em torno dela; no segundo (2º), sinalizamos alguns conceitos sociológicos que fundamentam nossa postura teórica inspirados no pensamento de Pierre Bourdieu e suas reflexões acerca do campo intelectual, no sentido de pôr em questão a noção de “dislexia”, assumindo-a como uma categoria construída socialmente, colocada em disputa e sobre o olhar de diferentes “saberes científicos”; na terceira (3ª) parte, descrevemos o percurso metodológico adotado; no quarto (4º) capítulo, assinalamos nossas análises e apontamos algumas considerações finais a respeito delas.

1 A CONSTRUÇÃO (SOCIAL) DA “DISLEXIA”

1.1 Breve histórico e alguns conceitos

Para que se conheça o histórico da “dislexia”, será feita uma breve apresentação de como se deu a preocupação de verificar as causas das dificuldades da aprendizagem, resumindo aqui dados destacados por Rotta (2006). É indispensável que se mencione alguns conceitos e significados sobre o tema, sobre isso remeterá à visão de alguns estudiosos do assunto, como Paín (1986), Fonseca (1995), Condemarin (1986), entre outros Massi (2007), Cagliari (2001) e Ercolin (2008) que serão mencionados nesse esboço.

A princípio se pensou que a dislexia seria um problema de ordem orgânica e hereditária, tendo ocorrência mais em meninos do que em meninas, isso apontado por Reinhold Berlin, em 1872, seguido por James Kerr em 1897.

Dessa feita, no século XX, psicólogos e educadores não tiveram tanto interesse acerca desse transtorno da aprendizagem, dando ênfase a aspectos pedagógicos, enquanto que, a medicina deixava uma lacuna no que concerne na recuperação e/ou mesmo o sanar dos problemas de aprendizagem das crianças. (ROTTA, 2006).

James Hinshelwood, em 1917, publicou uma monografia sobre “Cegueira Verbal Congênita”. A partir de então, estudiosos iniciavam o interesse de fato, para descrever as dificuldades de aprendizagem, contando com a ajuda de Oftalmologistas, norte-americanos declarando que “Não são os olhos que leem, mas o cérebro”. Então, passam a dar a importância e a associar as dificuldades de aprendizagem a distúrbios oriundos do cérebro. (TEZANI, 2004)

Entre 1928 e 1937, Samuel Orton, um neurologista americano, iniciou o estudo a partir de “famílias disléxicas” e percebeu que as dificuldades de aprendizagem estavam ligadas aos hemisférios cerebrais, tendo em vista, a quebra em organizar dominância cerebral unilateral e conexão perceptiva.

O Brasil amplia os estudos na área da dislexia em 1983, com a (ABD), Associação Brasileira de Dislexia, com o intuito de espalhar e esclarecer os conhecimentos acerca da temática, na intenção de auxiliar os disléxicos no que concerne as dificuldades da aprendizagem de leitura e escrita. Assim, a década de 1989, pode ser considerada marco em trabalhos desenvolvidos na área da dislexia.

A dislexia apresenta vários conceitos, significados, no ponto de vista de alguns autores. Na visão de Sara Paín (*apud*, FERNANDEZ, 2001, p. 144), "o transtorno de aprendizagem é uma falha no processo de aquisição de certos conhecimentos e não dos conhecimentos em geral".

Em 1995, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), um novo conceito será formulado pela International Dyslexia Association (IDA),

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de origem constitucional caracterizado por uma dificuldade na decodificação de palavras simples que, como regra, mostra uma insuficiência no processamento fonológico. Essas dificuldades não são esperadas com relação à idade e a outras dificuldades acadêmicas cognitivas; não são um resultado de distúrbios de desenvolvimento geral nem sensorial. A dislexia se manifesta por várias dificuldades em diferentes formas de linguagem frequentemente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e soletração. (International Dyslexia Association, 1994)

O que se percebe é que com o passar do tempo e com o avanço nas pesquisas, a dislexia ganha conceitos por parte de seus pesquisadores, enfatizando que a mesma tem sua origem nos termos neurológicos.

A palavra "dislexia" foi usada para indicar múltiplas dificuldades de aprendizagem. Segundo Rotta (2006), dislexia é formada por: DIS (distúrbio) LEXIA, do latim (estudo) e no grego (linguagem), ficando assim, dislexia = dificuldade na leitura. De acordo com o autor Fonseca (1995), é plausível assegurarmos que a dislexia é a "genitora dos transtornos de aprendizagens" tão comum nos dias atuais.

Para Paín (1992) a complexidade do que é Dislexia, está ligada a compreensão do ser humano: de quem somos; do que é memória, pensamento e linguagem. A forma como aprendemos e do porquê descobrimos dificuldades e facilidades, combinadas em nossas ações individuais de aprendizado. Segundo a autora, o problema de aprendizagem pode surgir como uma reação neurótica à interdição de satisfação, seja pelo afastamento da realidade ou pela excessiva satisfação na fantasia, seja pela fixação com a parada de crescimento na criança. Para ela: "as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita são o que altera a normalidade do procedimento educativo, consiste em naturezas que não admitem ao sujeito como usar suas potencialidades como é almejado no círculo escolar".

Dentro dessa perspectiva, os especialistas vão apontar para um tratamento diferenciado ao disléxico para que possa suprir suas dificuldades de aprendizagem e assim colocar-se em processo de aquisição da leitura.

Pensando a “dislexia” em outros termos, Davis (2004, p. 36 e 134) afirma: “a dislexia é produto do pensamento e uma forma especial de reagir ao sentimento de confusão.”; cada ser é único e nem todos os sintomas devem ser taxados como sintomas disléxicos. "Não deveria ser chamada de transtorno de aprendizagem. Deveria ser chamada com maior exatidão de risco de condicionamentos dinâmicos, os disléxicos conseguem dominar muitas coisas mais rapidamente do que a pessoa comum levaria para compreendê-las". Não se pode limitar ou castrar um sujeito por apresentar sintomas que se assemelham com os da dislexia, e assim condicioná-lo a métodos e tratamentos direcionados a dislexia.

De acordo com ABD (2004), em 2003, um outro conceito para a dislexia foi elaborado pela International Dyslexia Association,:

É caracterizada pela dificuldade com fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária. (ABD, 2004).

Para esta entidade, a IDA, a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que abrange áreas principais da linguagem, podendo tornar intenso processo, que requer um acompanhamento apropriado, levando a criança a redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender.

Já Silva, Sousa, e Cruvinel (2009) assinala que a dislexia é uma dificuldade específica de linguagem que se apresenta na língua escrita.

Segundo (PAÍN, 1992):

O sujeito e o objeto não são dados como instâncias originariamente separadas. Pelo contrário, eles se discriminam justamente em virtude da aprendizagem e do exercício. À medida que exerce sua atividade sobre o mundo, o bebê pode construir apesar das transformações, objetos permanentes, entidades diferentes dele e idênticas a si mesmas; por outro

lado, tal atividade o define como agente e o determina, em primeiro lugar, pelo seu poder, como capacidade de ação. Portanto, podemos falar de condições externas e internas da aprendizagem apenas no sentido descritivo, já que nem sua genética na ação nem seu funcionamento dialético permitem a adoção do esquema estímulo-resposta que tal dicotomia sugere (PAIN, 1992, p.21).

Segundo a ABD, a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que abrange áreas principais da linguagem, podendo tornar intenso processo, que requer um acompanhamento apropriado, levando a criança a redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender, bem como, conviver bem com suas dificuldades de aprendizagem

Segundo Lopes e Oliveira (2007), a dislexia é uma disfunção genética assinalada por uma carência no funcionamento do processamento da linguagem, ou seja, uma dificuldade de situar associações entre sinais gráficos (grafemas) e os sinais auditivos (fonemas).

Entretanto, a dislexia está relacionada a dificuldades na aprendizagem e a problemas na coordenação motora e atenção, não estando essa associada a inteligência. Assim, Paín (1992), deixa-nos um legado sobre a temática da dislexia, como algo genético e que aponta que é necessário estímulos para superá-la.

A desorientação, em sua lógica mostra a percepção das estruturas que se transformam e se alteram na figura do ato de ler ou escrever, se tornando muito complexa ou quase extravagante a compreensão para um disléxico. Até mesmo a construção ou o reconhecer de objetos e situações da vida real em seu ambiente antes que iniciem a aprender a ler, é algo árduo para quem traz consigo as disfunções geradas pela dislexia (PAÍN, 1992).

O desenvolvimento de leitura, torna-se visível através de "uma leitura oral pausada, com omissões, distorções e permutas de palavras, com interpelações, correções, bloqueios" (SCOZ, 1994, p. 12), que segundo Scoz, (1994), os distúrbios de aprendizagem, nomeia-se como, afasias, disgrafias, discalculias, que dentro da dislexia são analisados como fundamentais nas dificuldades de algumas crianças para o ato de aprender. Sendo por vezes, confundida com outros fatores que impossibilitam a aprendizagem como o déficit de atenção/hiperatividade. Entretanto, a dislexia e as confusões do déficit de atenção e hiperatividade não estão correlacionados com as dificuldades de desenvolvimento da aprendizagem. (SCOZ, 1994).

O que se deve ter em mente são ações das políticas educacionais, que viabilizem a promoção de todas as crianças à escola. Todavia, as crianças com dificuldades de aprendizagem, não estão tendo possibilidades apropriadas de aprender os conteúdos que

circundam a grade escolar. Sem um atendimento diferenciado na aprendizagem, chegam à idade adulta sem a compreensão do que leu. Comumente, o currículo adotado pelo sistema escolar, não demonstra preocupação em desenvolver práticas de aprendizagem e flexibilidade em atividades pedagógicas que modifique o currículo para as crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem. De tal modo, as crianças que não alcançam o currículo, são consideradas como deficientes mentais, emocionalmente desequilibrados, ou simplesmente fracassadas por não conseguirem aprender ao mesmo tempo que as crianças ditas normais. Portanto, é necessário evitar títulos e procurar acolher às necessidades individuais das crianças tornando possível prever e/ou diminuir as dificuldades de aprendizagem.

1.2 A criança “dislética” na escola

A aprendizagem é um processo que acontece durante o desenvolvimento do ser humano, entretanto, as dificuldades de aprendizagem são perceptíveis na infância desenvolvendo um processo complexo e doloroso para as crianças que são afetados pelas dificuldades. Assim, o alvo dos estudos relacionados aos distúrbios e as dificuldades de aprendizagem são as crianças em idade escolar e que estão em sala de aula. (CAGLIARI, 2001).

De acordo com a ABD (2004), como a “dislexia é genética e hereditária”, se a criança tiver pais ou parentes disléxicos quanto antes efetivar-se o diagnóstico melhor será para os pais, escola e à própria criança. A criança poderá passar pelo procedimento de avaliação por uma equipe multidisciplinar especializada, e assim, proceder com o diagnóstico adequado, caso contrário será fadada ao fracasso escolar sem qualquer triagem qualitativa. Tendo em vista que alguns sinais e sintomas podem ser observados desde cedo, algo que pode auxiliar a precisão do diagnóstico se a criança é dislética. (ABD, 2004)

Segundo a ABD (2004), considera os seguintes sintomas que geram as dificuldades em sala de aula, tais como, dificuldades com a linguagem e escrita, lentidão na aprendizagem da leitura e em alguns casos mais graves haverá disgrafia, discalculia, sobretudo na assimilação de símbolos e de memorização tabuada, a memória de curto prazo e com a organização de seguir indicações de caminhos e em executar sequências de tarefas complexas, de compreender textos escritos e aprender uma segunda língua.

No período escolar, é importante considerar os vários sintomas que estão sendo apresentados pela criança, para que seja realizado um diagnóstico adequado, no qual a criança não venha sofrer nenhum prejuízo na aprendizagem e nem no campo emocional por se ver com dificuldades de aprendizagem perante seus colegas. A dislexia é comumente marcada por dificuldade na aprendizagem e na decodificação das palavras. Os indivíduos disléxicos exibem dificuldades na organização do som à letra (o início do alfabeto); costumam trocar letras, como, b com d, ou mesmo escrevê-las na ordem inversa. (PAÍN, 1994). Segundo a ABD (2004), assim apresentam:

- Dificuldade na aquisição e automação da leitura e escrita;
- Desatenção e dispersão;
- Dificuldade em copiar de livros e da lousa;
- Dificuldade na coordenação motora fina (desenhos, pintura) e/ou grossa (ginástica, dança);
- Desorganização geral, podemos citar os constantes atrasos na entrega de trabalhos escolares e perda de materiais escolares;
- Confusão entre esquerda e direita;
- Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas;
- Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou sentenças longas e vagas;
- Dificuldade na memória de curto prazo, como instruções, recados;
- Dificuldades em decorar sequências, como meses do ano, alfabeto, tabuada;
- Dificuldade na matemática e desenho geométrico;
- Dificuldade em nomear objetos e pessoas (disnomias);
- Troca de letras na escrita;
- Dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua; problemas de conduta como: depressão, timidez excessiva ou o "palhaço" da turma;
- Bom desempenho em provas orais. (ABD, 2004)

Se nos encontramos com uma criança com dificuldades de aprendizagem, isso não quer dizer que essa criança não aprenda, pelo contrário, seu processo de aprendizagem se realiza de maneira diferenciada da esperada por muitos. (PAÍN, 1992)

Ainda segundo (PAÍN, 1992), a criança que não obtiver um acompanhamento apropriado na etapa escolar ou pré-escolar, quando se tornarem adultos, os sinais da dislexia o seguirão causando uma cadeia de lesões emocionais, e terá como consequência: depressão, ansiedade, autoestima baixa, causando até perdas na vida profissional e social.

São inúmeras as dificuldades relacionadas a aprendizagem principalmente quando nos deparamos com aqueles educadores que ainda despreparados e/ou sem procurar estudar os transtornos que podem vivenciar dentro das salas de aulas com seus alunos.

As dificuldades de aprendizagem ocorrem devido a várias razões. Uma delas é que a criança apresenta alguma dificuldade cognitiva particular que faz com que seu aprendizado de certas habilidades se torne mais difícil que o normal. Entretanto, algumas dificuldades -talvez a maioria delas- são resultantes de problemas educacionais ou ambientais, que não estão relacionadas às habilidades cognitivas da criança". (DOCKRELL e MCSHANE, 2000, p.17 apud, Massi, 2007).

Professores são os mais indicados no processo de identificação e descoberta desses problemas, porém alguns não possuem formação específica para fazer tais diagnósticos, que devem ser feitos por médicos, psicólogos e psicopedagogos. O papel do professor se restringe em observar o aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, tornando as aulas mais motivadas e dinâmicas, não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades. (PAÍN, 1994)

Infelizmente ainda se estabelecem métodos enfadonhos, sem qualquer encanto didático que possa chamar a atenção das crianças disléxicas, levando-as a adotarem posturas que podemos chamá-las de atípicas, tais como, (horas distantes, desconcentrados, horas hiperativos para driblarem o tédio), ações essas que levam os educadores a rotular as crianças negligenciando as necessidades que cada um possui, bem como, pondo a mostra apenas o lado negativo da dislexia, embora haja nesta, características diversas em cada indivíduo.(LOPES, 2007). Corroborando, (DAVIS, 2004, p. 132, apud, PAÍN, 1986) afirma que "devido a pensar por imagens, ao pensar intuitivo, ao pensar multidimensional e à curiosidade, a criatividade do disléxico é extremamente acentuada".

1.3 A aprendizagem na dislexia

A incapacidade de ler é um dos maiores empecilhos à aprendizagem, com graves implicações educacionais, sociais e emocionais. Por meio da leitura, o indivíduo retira conhecimento, significado e sentidos de letras e símbolos escritos. A leitura se desenvolve em passos que segue uma ordem: a decodificação (associação letra-som); a fluência (habilidade de ler palavras e textos automaticamente) e a compreensão (leitor proficiente). (PAÍN, 1994)

É função da escola expandir o conhecimento humano, conseqüentemente à escola não pode ser restrita ao que é significativo para o aluno, no entanto, deve promover situações de ensino que abra caminhos para a experiência, desenvolvendo os campos da aprendizagem significativa. Ficando bem claro, que só torna-se significativo para a aquilo do qual o aprendiz

tem como um máximo de experiências e de informação que para ele tenha algum interesse. Assim, o disléxico necessita ver e ouvir atentamente, lembrar a movimentação da mão quando escrever e conceder uma atenção aos movimentos da boca quando se fala. (BRAGGIO, 2006).

A criança disléxica unirá a figura escrita de uma letra, bem como, com o som e com os movimentos, visto que, falar, ouvir, ler e escrever, são atividades da linguagem, e para o disléxico requer uma maior atenção. Retratando bem quando expõe que uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não consegue aprender a ler com a metodologia pedagógica tradicional onde a escola adota posturas reducionistas afirmando que a dislexia não existe. A dislexia é bem mais do que uma dificuldade na leitura e não surge sozinha, ela integrada um universo de problemas que revela uma deficiente manipulação da conduta peculiar que aborda exclusivamente a natureza humana, ou seja, a criança disléxica mostra um comportamento que para os que a rodeiam lhe parece incorreto, ou mal educado. (FONSECA, 1995),

É relevante para a criança disléxica, estabelecer um fluxograma e só passar adiante, após certificar-se de que a etapa anterior foi devidamente compreendida e tendo sempre o cuidado de ir retornando as etapas anteriores. É o que se denomina de princípio multissensorial e cumulativo. Entretanto, se o disléxico não for submetido a uma fluxograma especializado, pode continuar analfabeto ou semialfabetizado. Dessa feita, ficam à margem ou excluídos das profissões e vocações que demandam uma preparação acadêmica que começa desde a pré-escola. A criança com dislexia necessita de apoio psicopedagógico para estudar, pois sem ele poderá está condenada ao fracasso na aprendizagem. (SCOZ, 1994).

Condemarin e Blomquist (1986) descreve que o alvo fundamental do tratamento ao disléxico é resolver os problemas situados no diagnóstico, que atrapalham ou bloqueiam o desenvolvimento normal do processo de aquisição da leitura.

Para tanto, segundo (Coll, 1995), é necessário que a criança manipule de maneira lúdica o material de leitura, para escrever e aumentar o desejo pela mesma, por meio de atividades diárias na companhia de bons livros, jornais, revistas, algo que verdadeiramente a interesse, motivando-a a ler todos os tipos de texto, permitindo a utilização de marcadores para prosseguir a leitura, com a ajuda de alguém que leia os textos para ela, repartindo a história com colega e aproveitando todos os elementos consideráveis para que a leitura se torne algo significativo e interessante nesse momento de sua aquisição. Atentar para as figuras, interpreta-las, rever o vocabulário do texto, ler os títulos dos capítulos e comentá-los e desenhar acerca do que foi lido para uma melhor fixação do que foi abordado naquele momento, são atitudes fundamentais em auxílio da criança disléxica.

De acordo com Braggio (2006), para uma maior assistência ao aluno disléxico e o suprimento de suas dificuldades, cabe a escola encorajar a criança, acolher e respeitar as suas limitações e capacidades, estando a par de cada particularidade, sendo papel do professor ser conhecedor das causas e sintomas da dislexia, bem como, estar movido por um desejo de compreender e apoiar a criança nas atividades diárias da sala de aula, e conhecer o imperativo de uma colaboração extra e proporcionar um ambiente de paciência e harmonia, para que o disléxico possa ter tempo necessário para a realização das atividades propostas em sala de aula, e ainda, repeti-las diversas vezes para aprende-las.

Todavia, se a dislexia constitui-se exclusivamente um fator negativo, portadores de transtornos de aprendizagem permaneceriam "condenados" ao fracasso, porém, não é isso que as pesquisas apontam. Pelo contrário, há personalidades célebres que se destacaram e que ainda se destacam internacionalmente, deixando suas heranças científicas históricas, que foram diagnosticados, como disléxicos. De acordo com Davis, (2004, p. 32) destacaram-se: “Albert Einstein, Thomas Edison, Alexandre Graham Bell, Charles Darwin (inventores/cientistas); Leonardo da Vinci, Pablo Picasso, Vicent van Gogh, Walt Disney, Hans Christian, Agatha Christie (artistas, escritores); Winston Churchill, John Kennedy, Nelson Rockefeller, General Georg Patton (políticos/estrategistas); John Lennon, Tom Cruise, Harrison Ford, Robin Williams, Whoopi Goldberg, Quentin Tarantino (músicos/atores/diretores); Henry Ford, Ted Turner (empresários) e Magic Johnson, Muhammad Ali, Jacki Stewart” entre outras personalidades.

É relevante, que toda a comunidade escolar, seja conhecedora da forma diferenciada com que deve ser dada aos disléxicos no âmbito escolar, o que na verdade não é mais de que um direito, bem como, é a única maneira que os faz competir em igualdade de condições de aprendizagem com seus colegas em sala de aula. Para tanto esse conhecimento se torna necessário, haja vista, que não se está facilitando a realização das atividades, mas é o único modo com que os disléxicos podem chegar a uma aprendizagem significativa e tentar superar suas dificuldades.

Para Pinto (2003), o estudo da dislexia, em sala de aula, tem como ponto de partida a inclusão de quatro capacidades fundamentais da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. A leitura é a capacidade linguística mais complicada, e está inteiramente relacionada com o problema peculiar do ingresso ao código escrito denominada “dislexia”.

O âmbito escolar nunca foi e nem sempre será cercado por sucessos e aprovações. No decorrer do ano letivo e no ato do ensino, convivemos com problemas que deixam os alunos

desorientados diante do processo de aprendizagem. E assim, geram as rotulações e as sérias dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. (MELLO, 2010).

Conforme nos adverte Mello (2010), é relevante separar dificuldade de aprendizagem com deficiência mental.

Para instruir e ensinar as crianças com distúrbios de aprendizagem, é preciso conhecer os processos educacionais. Para Paín (1986, p. 16), descreve a aprendizagem como sendo “um acontecimento histórico em que coincide um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a outras estruturas teóricas”.

Recorda-nos Ianhez e Nico (2002) a necessidade de considerar os estágios de desenvolvimento mental da criança, já que a mesma leva um certo tempo para conseguir assimilar o processo da leitura e escrita. Segundo ela, os pais ao verem o diagnóstico da dislexia, vivenciam um momento de luto, entretanto, veem a dislexia como uma deficiência intelectual e não entendem que é uma disfunção linguística que pode ser tratada.

O preconceito passa a persistir dentro da própria família, o que vai gerar maiores dificuldades para o processo de aquisição da leitura. Assim, Larry Silver, divide o processo de aprendizagem em fases que devem ser usadas posteriormente, como, “registrada, integrada, armazenada, de modo a possibilitar sua recuperação em momento posterior.” (SILVER apud OLIVEIRA, 2004, p.90).

O diagnóstico feito precocemente possibilita o avanço no aprendizado e Ianhez e Nico (2002), chama a atenção para pontos importantes da dislexia que devem ser observados em idade escolar, tanto pela escola, como pela família.

Diante disso o professor é o mais importante e imperativo para o diagnóstico inicial dos transtornos de aprendizagem. (FERNANDEZ, 2001). “Quem ensina mostra um signo do que conhece. Quem aprende toma, agarra esse signo para construir os próprios”. (FERNANDEZ, 2001, p.78). No entanto, o disléxico passa a adquirir as informações de acordo com suas habilidades, capacidades e competências. Ficando bem esclarecido que o professor dos anos iniciais, desde a pré-escola e da Educação Infantil, deve ele próprio produzir seus uma nova metodologia, como afirma Fonseca:

Somos de opinião que o professor primário deve ele próprio construir os seus instrumentos de diagnóstico pedagógico (diagnóstico informal) a fim de conduzir a sua atividade mais coerentemente(...) é do maior interesse o uso de instrumentos que permitam detectar precocemente qualquer dificuldade de aprendizagem, pois só assim uma intervenção psicopedagógica pode ser considerada socialmente útil, pois quanto mais

tarde for identificada a dificuldade, menos hipóteses haverá para solucionar corretamente. (FONSECA, 1995, p.35).

No processo de diagnóstico e de ensino e aprendizagem o professor determina suas práticas pedagógicas de forma que o orientam acerca das práticas sociais existentes, com base em leituras sobre a temática que o ajude a ensinar e aprender. Como corrobora, Mizukami:

Há várias formas de se conceber o fenômeno educativo. Por sua própria natureza, não é uma realidade acabada que se dá a conhecer de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Neles estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e a cultural. Não se trata de mera justaposição das referidas dimensões, mas sim da aceitação das suas múltiplas implicações e relações. (MIZUKAMI, 1986, p.1)

Nesse sentido, o professor desvela o sujeito a quem estará focado os interesses de seus alunos. (BOURDIEU, 1998). Propiciando a desconstrução da dislexia de modo como podemos imaginar o sujeito, a sua apropriação da escrita, levando em conta as suas dificuldades de aprendizagem, tornando-se companheiros em relação às diferentes formas de aprendizagem, perante as crianças disléxicas.

1.5 A aprendizagem na dislexia

A aprendizagem não acontece de maneira diferente entre as crianças. Cada uma aprende de um modo e tempo diferenciado. Ressaltando que não se deve considerar que toda dificuldade de aprendizagem esteja diretamente ligada a dislexia, nesse caso assim se expressa Ianhez e Nico (2002, p.30), “[...] embora a dislexia seja um distúrbio de leitura e escrita, nem todo distúrbio de leitura e escrita é dislexia”. Muitas vezes, algumas dificuldades estão ligadas a fatores externos e/ou a metodologia desconstruída com o processo de aprendizagem por parte do professor que precisa repensar sua prática pedagógica. Macedo reforça essa postura quando menciona:

Primeiro, é importante para o (a) professor (a) tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica. Segundo, ter uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores

culturais de sua função docente. Terceiro, adotar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor. Quarto, ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características do desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos. (MACEDO,1994, p.59)

A criança disléxica necessita de um apoio diferenciado. Isso não quer dizer que venha ter um ensino diferenciado, pelo contrário, o seu tempo de realização das atividades e o modo como são elaboradas que devem ser levados em questão. (PINTO, 2003). O que reforça e assegura os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) acerca do tempo de aprendizagem de cada um:

O que o aluno pode aprender em determinado momento da escolaridade depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e do ensino que recebe. Isto é, [...] a intervenção pedagógica deve-se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se construir verdadeira ajuda educativa. (BRASIL, 1997, p. 34).

As crianças com dislexia, falam e escrevem palavras, sílabas e fonemas, mas não se apropriam do conhecimento consciente das unidades linguísticas, exibindo um déficit fonológico. E o modo como ensinar, a didática usada, fará a diferença na aquisição da leitura para o disléxico. (MELLO, 2010). Para tanto, Mantoan reforça,

Ensinar significa atender às diferenças dos alunos, mas sem diferenciar o ensino para cada um, o que depende, entre outras condições, de se abandonar um ensino transmissivo e adotar uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora, que se contrapõe a toda e qualquer visão unidirecional, de transferência, individualizada e hierárquica do saber. (MANTOAN,2006, p.49).

O professor comprometido com a aprendizagem dos alunos disléxicos, terá seu trabalho pedagógico voltado para uma relação afetiva e prazerosa com as atividades e com seus alunos, haja vista que, vivemos numa sociedade da informação, “onde ler e escrever bem é uma qualidade de superação das desigualdades sociais”. (FONSECA, 1995).

Entretanto, a criança com dislexia necessita de um suporte maior em seu meio escolar para suportar as pressões e o sentimento de desigualdade que a mesma sente em relação aos demais, embora a dislexia não seja uma limitação, mas uma dificuldade que pode ser superada e que a criança aprenderá a conviver com isso. (PAÍN, 1994)

Por ser um distúrbio considerado de ordem neurológica, uma gama de profissionais estão envolvidos para desvendar as causas da dislexia e então, se chegar a um consenso do que de fato venha ser: doença genética, distúrbio neurológico ou apenas uma dificuldade de aquisição da leitura e escrita que afeta o aprendiz no início de seu processo escolar. (MASSI, 2007).

Quem são os afetados pela dislexia? Todos os sujeitos que apresentam dificuldades de aquisição na leitura e que é perceptível em idade escolar iniciando na educação Infantil e se não tratado, seguirá por toda a sua vida acadêmica, já que o mau desempenho de cada sujeito é explicado pelas condições limitadas de letramento, pelos métodos de alfabetização, pelo significado da escrita para elas. (PAÍN, 1994).

As dificuldades de aprendizagem são muitas, embora à apropriação do sistema alfabético e ortográfico da língua - trocas, inversões, adições de letras e sílabas, segmentações inadequadas, constroem a suspeita de um “problema” perceptual ou cognitivo relacionado a cada sujeito, encaminhando-o para uma avaliação clínica especializada. (ERCOLIN, 2008).

Sendo os estudos sobre a dislexia voltados cada vez mais para a área médica. Com relação as trocas, omissões e adições de letras ou sílabas, Massi (2007) aponta hipóteses lançadas sobre a escrita e que os sujeitos estão construindo a partir de uma visão constitutiva e dialógica da linguagem, deixando de ser vistas, como sintomas de um distúrbio da aprendizagem, chamados “sintomas disléxicos”, mas esclarecendo-as como sinais intermediários pertinentes ao processo de aquisição da leitura e da escrita.

Vários são os conceitos, conhecimentos e diagnósticos formulados. Há evidências neurológicas, psicológicas. Um conjunto que integra um distúrbio que envolve inúmeros profissionais para que se amenize e resolva entrave no ato do aprender a ler e escrever.

Outras pesquisas revelam ainda que pode ocorrer dificuldade de aprendizagem independente da dislexia. Implicando que mesmo que o disléxico aprenda a ler, o fará de maneira lenta, o que se conclui que a dislexia não é superada, mas sim, necessita de procedimentos didáticos e metodológicos adequados e diferenciados para que a aprendizagem aconteça, sendo que os educadores estarão orientados por profissionais habilitados, levando em conta o ado emocional e afetivo do disléxico que também dar sinais de inteligência. Segundo Wolffenbüttel (2005),

A Psicopedagogia, ao considerar o seu objeto de estudos, precisa olhar para o ser humano em sua complexidade, considerando-o como um ser pluridimensional. A dimensão racional que fala da inteligência, da lógica, da razão e a dimensão desejante que expressa a afetividade, o simbólico, a emoção, em conjunto com outros fatores constituem esse sujeito aprendente que é o foco de estudos da Psicopedagogia. Dessa forma, a opção metodológica para pesquisa em Psicopedagogia deverá inevitavelmente levar em conta as considerações anteriores. (WOLFFENBÜTTEL, 2005, p.140)

Os sinais da dislexia não podem ser avaliados isoladamente, pois a troca de letras, o esquecer de uma palavra e outros fatores da dislexia, também podem está acontecendo no processo de aquisição de leitura e da escrita. (MASSI, 2007)

Problemas socioeconômicos, traumas de infância, afetam na essência a aquisição da leitura e da escrita, que segundo (MIZUKAMI,1986), “É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Neles estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e a cultural”. Massi (2007), contrapõe-se a esclarecimentos de diferentes naturezas descritas na literatura científica sobre o transtorno: declarações sobre as alterações de escrita, explicações de natureza cognitiva, psicoafetiva e orgânica.

Enfatiza-se que não só fatores internos afetam a aquisição da leitura e da escrita, mas também fatores externos que é considerado um agravante. Observações acerca dos sintomas devem ser feitas com precisão para um diagnóstico contundente diante do que se apresente sobre os efeitos da dislexia. Dessa feita as discussões giram em torno da área médica que trata a dislexia como uma doença fundada seu tratamento na questão da saúde e área humana que enxerga o sujeito e suas ações, principalmente linguística envolvendo também as práticas sociais. (MASSI, 2007).

Portanto, ambos devem ser levados em conta para a conclusão de um diagnóstico referente a dislexia. Cada pessoa é única, desde a sua formação, as características, o modo como se aprende, mesmo que vivendo em espaços idênticos, a aprendizagem acontecerá de forma diferente. Assim, a psicologia se detém cada vez mais a essa temática por ser considerada a dislexia um distúrbio neurológico e está ligada a funções de elaborar intervenções alternativas de encaminhamento para o tratamento devido e evitar frustrações futuras aos aprendentes.

2 “DISLEXIA” E O SEU CAMPO CIENTÍFICO

2.1 O conceito de campo intelectual

Vimos no capítulo anterior grande número de autores, definições e modos de pensar e abordar a dislexia, seja de forma geral ou no contexto educacional. Essa diversidade de perspectivas e saberes, as vezes complementares, outras vezes opostos, situam-se dentro do jogo (das regras) do chamado “campo intelectual”, envolvendo jogo de interesses. Essas observações iniciais enquadram-se dentro das contribuições de Pierre Bourdieu (1996) sobre “campo intelectual” e “campo científico”. Segundo ele, é necessário lembrar que:

O campo científico é tanto um universo social como outros, [...] quanto é preciso é um mundo à parte, dotado de suas leis próprias de funcionamento que fazem com que não seja nenhum dos traços designados pelos conceitos utilizados para descrevê-lo ou lhe dá uma forma específica, irreduzível a qualquer outra. (BOURDIEU 1996, p.88)

O campo intelectual se configura em um espaço social de trocas e reproduções, onde atuam forças de uma natureza específica, os fenômenos funcionais e estruturais ocorrem de maneira inteiramente específica no interior do campo literário (BOURDIEU, 2004, p.170).

O que caracteriza os autores no interior do campo intelectual é o domínio de um capital cultural e simbólico, que direciona os dispositivos de percepções da realidade, visões de mundo, apreensões sobre o ser social, é um espaço de produção de bens simbólicos (BOURDIEU, 2002, p.8-9)

Para ele, o conhecimento produzido pelo pesquisador é uma forma de poder, devendo ele promover uma reorientação do olhar nos métodos de representação de poder expresso na busca do conhecimento. Assim, Bourdieu (1989) menciona que o poder simbólico funciona como uma “estrutura estruturante”, ou seja, “estruturas resultantes de subjetividades e consensos que vão se construindo ao longo da história”. (BOURDIEU, 1989, p. 8).

Diante disso, o campo intelectual se constitui algo complexo e independente que conduz uma intelectualidade autônoma que constituem os indivíduos que o compõem. “Trata-se, evidentemente, de colocar o público fora do jogo:” (BOURDIEU, 1996).

Esse público está voltado para os que sofrem o poder simbólico mencionado por Bourdieu e que não fazem parte do campo intelectual. Assim para BOURDIEU (1983, p.122), "a verdade do produto mesmo em se tratando desse produto particular que é a verdade científica – reside numa espécie particular de condições sociais de produção, isto é, mais precisamente num estado determinado da estrutura do funcionamento do campo específico”.

Outros agentes que devem ser considerados, além dos próprios pesquisadores, referem-se às agências e órgãos de financiamento, uma vez que essas pesquisas necessitam de recursos financeiros, cujas verbas provém de entidades como Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD), Banco Mundial (BM); no Brasil, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esses tipos de pesquisa nas áreas do conhecimento, geralmente são financiadas ou que possuem dotações financeiras maiores em relação à outras.

As ideias de Bourdieu (1996; 1989) para esclarecer nossa perspectiva de análise, uma vez que não se pretende aqui dar a conclusão definitiva da dislexia, mas analisar e entender um pouco as questões sobre a mesma, e como tem sido tratada pelos pesquisadores brasileiros, haja vista, que consideram a “dislexia” é uma construção social sujeita à inúmeros ajustes e reajustes, que se modificam ao longo do tempo.

2.2 A dislexia e a produção de sentidos pelo “campo científico”

Apesar de não existir cura para a dislexia se sabe indicar o que deve ser feito para conduzir a criança com esse tipo de problema às atividades normais. Especialistas garantem que o cérebro tem enorme capacidade de se reorganizar e dar proteção a essa deficiência. Segundo Selikowitz (2001), a noção de disfunção cerebral mínima vem sendo criticada pelo fato de ter despertado a probabilidade de fazer uso de medicamentos para “corrigir” uma improvável confusão química no cérebro, haja vista que a dislexia está centrada no âmbito escolar.

Em compensação várias associações apareceram em prol da dislexia e dos disléxicos de forma específica para garantir seus direitos, tais como, Associação Brasileira de Dislexia (ABD) criada em 1983, e tem a finalidade agregar fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos, pedagogos, médicos, profissionais de áreas afins, pais, disléxicos, instituições e

associações que se dediquem ao aprofundamento dos estudos sobre dislexia. Associação de Pais e Amigos dos Disléxicos (APAD) criada em 2004, o que legaliza o atendimento especializado na área da educação propondo o que se chama de educação especial e/ou mesmo atestando o disléxico como um doente, influenciando pesquisas e estudos acerca do que se pode referenciar como o verdadeiro conceito da dislexia. (MASSI, 2007).

O conceito de dislexia é afirmado por vários estudiosos um deles é expresso pela ABD (2003) quando diz que: “Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração”. Outros conceitos se firmam quando diz ser de origem hereditária, tendo como uma doença. Ou seja, um conceito oriundo do senso comum que, parte para o conceito científico autorizada pelo senso comum médico. (MASSI, 2007).

Massi, (2007), estudos baseados em processos sociais e culturais para debater os chamados sintomas disléxicos procuram explicar os sintomas como previsíveis, a partir de pesquisas linguísticas acerca do processo de aquisição da linguagem. Haja vista, que há várias estruturas capazes de produzir e reproduzir as desigualdades sociais provocadas pela ausência da leitura. No entanto, a deficiência causada pela dislexia protagoniza distintas posições; a busca da cura liberada por uma clínica, e de outro, o direito à diferença, muitas vezes causadas pelas dificuldades individuais ou por diferenças sociais que media as dificuldades das práticas de letramento e do significado da escrita para os ditos disléxicos, o que não significa, que ações específicas não sejam necessárias.

Os sintomas descritos como patológicos não é, desse modo, nem casual nem arbitrário. O exercício clínica só reflete os conceitos da dislexia. Evidenciando a estrutura em dois pontos opostos: as ciências médicas e as ciências humanas, que desvelam interpretações que se geram em torno do que possa ou não ocorrer, durante o processo de aquisição da leitura e da escrita. (SELIKOWITZ, 2001).

Sabemos que o processo de aquisição da leitura e da escrita, ou seja, a alfabetização e o letramento é algo muito complexo, demanda tempo e está associado a fatores intrínsecos (fatores emocionais) e extrínsecos (fatores socioeconômicos, como por exemplo a má alimentação).

No Brasil altos índices de analfabetos funcionais é alarmante no que concerne ao letramento. De acordo com o (INAF, 2007), Índice Nacional de Alfabetismo Funcional, apenas 28% da população brasileira tem todas as possibilidades de interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros textuais. Entretanto, o diagnóstico dado a dislexia a maioria das

crianças que apresentam dificuldades e/ou disfunções no processo de aquisição da leitura sem uma relação ao letramento acaba tornando-se uma utopia.

O que gera divergência quanto ao conceito da dislexia entre alguns autores, como relata Massi (2007),

[...] o conceito de dislexia é muito impreciso se as definições sintomatológicas associadas a esse conceito não foram baseados em uma investigação linguística, se as tarefas avaliativas usadas para diagnosticar esse dito distúrbio mostram-se inconsistentes pela concepção de linguagem que as direcionam, o tema em questão indica lacunas que merecem análise sistemática capaz de promover uma revisão da noção de dislexia relacionada aos processos de apropriação da escrita. (MASSI, 2007, p. 20):

Há uma divergência, pois uma doença neurológica não pode e não deve ser diagnosticada usando apenas leitura e escrita. Ainda em Massi (2004, p.368) “ainda, sobre os ditos sintomas disléxicos, cabe ressaltar que eles vêm sendo descritos em função de meras tarefas avaliativas assentadas em uma perspectiva de linguagem que a concebe como mero código de comunicação estanque”.

Somos indivíduos que aprendemos *por meio de processos* mentais diversos, não somos inteiramente iguais, padronizados. Assim, seria indeferir na diversidade do ser humano. Tornando-se um procedimento de rotulação, em que a criança deixa de ser um sujeito de complexidade que o constitui, e se tornam apenas um doente, impossibilitando-a de realizar suas atividades escolares sem o uso de medicamentos. (MASSI, 2007).

É interessante desconstruir esse conceito e essas causas, para que a escola não eternize no erro em justificar o aluno que não aprende como um disléxico, deixando de lado a função real da escola que é ensinar a todos. Corroborando com essas críticas Ercolin (2008, p. 4), diz: “Dislexia virou um imenso guarda-chuvas, onde cabem todas as mazelas da escola. Cursos e seminários sobre o tema, personagens de novela com dislexia, artigos e mais artigos sobre dislexia. Achamos o mal que aflige nossos estudantes: são todos disléxicos”. Convém alertar que não é uma simples descrição ou a conceituação de termos sobre a “dislexia”. Mas o que significa a adoção desses termos e os resultados para os sujeitos envolvidos e para sociedade na qual estão inseridos.

É importante que fique claro os sinais da dislexia não podem ser avaliados isoladamente, pois a troca de letras, o esquecer de uma palavra e outros fatores da dislexia, também podem está acontecendo no processo de aquisição de leitura e da escrita. A criança

pode, sim, trocar as letras, esquecer uma palavra ou se confundir na hora de formar frases, pois o ato de alfabetizar-se é algo complexo.

Segundo Cagliari, (1989) *apud* Ercolin (2008),

Alfabetização é o processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Entretanto, esse aprendizado vai muito além de transcrever a linguagem oral para a linguagem escrita. Alfabetizar-se é muito mais do que reconhecer as letras e saber decifrar palavras. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico-gráfico e tornar-se, de fato, um usuário da leitura e da escrita. (ERCOLIN, 2008, p.6).

Cagliari (2001), enfatiza a dislexia com formas específicas, tais como o estresse, os medos da escola na alfabetização, que pode levar a traumas neurológicos. Tanto que, como se aprender uma língua estrangeira ou um idioma padrão, qualquer disléxico pode deixar de lado a dislexia. O que diferencia esse tipo de fala de outros, considerados patológicos no que concerne a dislexia. Sendo que a aquisição da leitura e escrita, não é algo simples e sim complexo, pois não se mensura por uma questão de déficit mental ou neurológico, mas de uma sistematização da linguagem vinculada a cada indivíduo. Em suma a “escola é um excelente lugar para se criar e resolver traumas pessoais. Uns ficam disléxicos, outros aprendem dialetos novos e até línguas novas”. (CAGLIARI, 2001).

Estando a escola a colocar a culpa do fracasso da aprendizagem num suposto distúrbio disléxico, levando a criança a buscar uma escola ideal, na qual tente controlar as diferentes atenções e emoções que possam estar supostamente atrapalhando a aquisição da leitura e da escrita. (SCARPA: 2001).

Todavia há de se desconstruir o conceito da dislexia para que então, seja encontrado o ponto chave que designe as dificuldades de aprendizagem, que até então, uma disfunção neurológica que acomete apenas a leitura e a escrita. Algo que merece contestação.

É importante que fique claro os sinais da dislexia não podem ser avaliados isoladamente, pois a troca de letras, o esquecer de uma palavra e outros fatores da dislexia, também podem está acontecendo no processo de aquisição de leitura e da escrita. A criança pode, sim, trocar as letras, esquecer uma palavra ou se confundir na hora de formar frases, pois o ato de alfabetizar-se é complexo.

3 METODOLOGIA

Conforme já assinalamos na introdução, nossa intenção é de discutir um pouco os dados gerais da produção acadêmica nacional sobre dislexia, verificando o interesse sobre o tema “dislexia”, as causas geralmente atribuídas a ela bem como as áreas que preferencialmente a estudam. Consideramos, conforme Bourdieu (1989), que todo e qualquer saber intelectual ou científico é produzido socialmente e está condicionado a um campo que o regula, trata-se de entender um pouco sobre como está se produzindo o conhecimento científico nacional sobre dislexia.

Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, limitando-se aos periódicos científicos indexados à base de dados da Scielo¹, por ser ela a maior biblioteca eletrônica de periódicos nacional de livre acesso (open access). Assim, formalmente, estabelecemos como objetivo geral: mapear e analisar a produção acadêmica nacional sobre dislexia em periódicos científicos na base de dados da Scielo. E como específicos: verificar quais periódicos, de diferentes áreas do conhecimento científico têm publicado mais sobre o tema; caracterizar quais os sujeitos tem sido utilizados nas pesquisas sobre dislexia; identificar as áreas do conhecimento em que essas pesquisas tem se desenvolvido; classificar esses estudos em possíveis temas e subtemas; identificar das principais hipóteses (a “médica” ou a “humana”) são levantadas em conta para explicar às causas da “dislexia”.

Para alcançar esses objetivos utilizamos de metodologia de base quantitativa e qualitativa a partir da análise dos resumos dos artigos disponíveis no endereço eletrônico da Scielo, e que estavam associados à palavra-chave “dislexia”.

Assim, esse trabalho tenta responder as seguintes questões:

1. Qual tem sido o interesse dos pesquisadores nacionais sobre o tema?
2. Que áreas tem se interessado por ela?
3. A dislexia é principalmente vista como algo de origem neurológica ou de causa humana/social?

São questões que procuram sinalizar para possíveis lacunas da produção acadêmica nacional e para suas especificidades.

¹ “A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.”. <www.scielo.br>.

A questão sobre a atribuição da causa da dislexia, se médica/neurológica ou humana/social apoia-se na crítica realizada por Massi (2007). Segundo ela as ciências da saúde expõem como causas da dislexia fatores orgânicos (funcionamento cerebral, fatores genéticos, dificuldades cognitivas) como fatos linguísticos e de uma patologia ligada ao funcionamento neurobiológico e/ou neuropsicológico e nas ciências humanas, causas ligadas a fatores sociais (letramento, singularidades, fatores educacionais), algo considerado previsível no processo de aquisição da escrita, na qual as implicações incidem sobre dificuldades das crianças.

O corpus analisado foi de 56 artigos resultantes da busca para o termo “dislexia”. Na análise quantitativa, será feito uso da estatística descritiva, calculando-se apenas a frequência e o percentual sobre os dados referentes às publicações sobre dislexia na Scielo. Na análise qualitativa, utilizaremos as categorias explicativas usadas por Massi (2007) para enquadrar quais os modelos explicativos usados nos artigos sobre o tema.

4 ANÁLISE GERAL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE “DISLEXIA”

4.1 Quantitativo dos artigos publicados sobre dislexia na Scielo

Dentro do corpus analisado, verifica-se que a há, ao longo dos anos, uma continuidade no interesse pela temática da dislexia, conforme se vê na Tabela abaixo. Os resultados na base da Scielo cobriram artigos publicados a partir de 2002. A finalidade desses periódicos é apresentar as dificuldades e/ou distúrbios na leitura e escrita de maneira a caracterizar a atuação dos aprendentes com dislexia ou transtornos na aprendizagem que afeta o seu desenvolvimento escolar.

Na tabela abaixo, está relacionado as publicações entre os anos de 2002 a 2013 com o percentual anual.

Tabela 1. Número de artigos publicados sobre dislexia na Scielo por ano.

Ano	F	%
2002	03	05%
2003	-	-
2004	03	05%
2005	-	-
2006	02	03%
2007	04	07%
2008	08	14%
2009	07	13%
2010	09	16%
2011	10	19%
2012	04	07%
2013	06	11%
Total	56	100%

O número de publicações sobre a temática aumentou entre 2008 e 2011, o que corresponde a 62% dos trabalhos, mas havendo uma redução nos últimos dois anos, levando-nos a crer que houve um aumento do interesse pelo estudo da dislexia nesse período e uma possível redução pelo tema nos dois últimos anos.

Todavia o foco de interesse no estudo da dislexia, é identifica-la para que se possa melhorar o desenvolvimento psicológico e motor dos portadores, bem como, realizar

procedimentos e intervenções no que concerne o âmbito escolar e familiar, haja vista que a dislexia apresenta muitas múltiplas facetas.

4.2 Classificação dos trabalhos por área do conhecimento

A área do conhecimento em que houve mais publicação em periódicos foi a psicologia, conforme tabela abaixo. Essa área se destaca por descrever a situação dos disléxicos e poder se posicionar perante a família e a escola quanto as necessidades específicas do aprendente, bem como, analisar e intervir para amenizar ou solucionar as dificuldades leitoras dos aprendizes.

Tabela 2. Número de artigos publicados sobre dislexia na Scielo de acordo com área do conhecimento

Área do conhecimento	Frequência	Porcentagem
Psicologia	20	36%
Pedagogia	08	14%
Fonoaudiologia	06	11%
Neurologia	12	21%
Não identificado	07	13%
Oftalmologia	03	05%
Total	56	100%

Dentro dessas áreas do conhecimento, o que se vê é uma “divisão” dos interesses e intervenções de cada uma delas. Pode-se dizer que a função do psicólogo neste processo, é delimitar e implementar estratégias de intervenção, sendo o orientador e motivador da utilização das adaptações e de técnicas nos diferentes contextos da dislexia. (FONSECA, 1999).

A fonoaudiologia dentro da dislexia tem o papel de auxiliar na associação entre o som e a escrita incluindo o desenvolvimento normal da linguagem e suas prováveis alterações, desenvolvendo metodologias de aplicação pedagógica para facilitar a aprendizagem, na qual se observa dificuldade de associação entre fala e escrita. (CAPELLINI, 2004)

No âmbito da psicopedagogia, a dislexia é tratada com base na investigação relacionada a vida biológica, psíquica e social do sujeito, voltada para sujeitos que apresentam dificuldades na escola, com o intuito de reintegrar o disléxico as vivências e rotina da sala, a partir daí se une aos pedagogos e professores redefinindo procedimentos pedagógicos através

de conceitos de diferentes áreas, contribuindo para inúmeras pesquisas envolvendo teoria e prática, em especial ao processo de aquisição da leitura e da escrita., haja vista, que esta se associa da psicologia para entender a fundo as causas e efeitos da dislexia.(PAÍN, 1994)

A área neurológica vê a dislexia de maneira expressiva como fator genético em suas causas, considerando-a de cunho hereditário, que perpassa os membros nas mesmas famílias; (PAÍN, 1994)

Ainda na área da psicologia, a qual tem um número maior de publicações acerca da dislexia, se destaca pela autonomia da criança reativando às suas dificuldades da leitura e escrita motivando novas técnicas que envolve novos contextos e inclui pais e professores. (PAÍN, 1989)

De acordo com a tabela 3, observa-se ainda que também as áreas de da neurologia, psicologia se interessaram mais cedo acerca do estudo da dislexia, enquanto que a pedagogia começa a se destacar e por último a fonoaudiologia vem se interessando pala temática.

Tabela 3. Número de artigos publicados sobre dislexia na Scielo de acordo com área do conhecimento e o intervalo de anos em que houve publicações

Área de conhecimento	Período com publicações	F	%
Neurologia	2002-2013	12	21%
Psicologia	2004-2013	20	36%
Fonoaudiologia	2008-2014	06	18%
Oftalmologia	2008-2009	03	11%
Não identificado	2004-2010	07	6%
Pedagogia	2006-2013	08	5%
Total	-	56	100

4.3 Modelos explicativos atribuídos à “dislexia”

Para mostrarmos a classificação dentro dos modelos adotados nas categorias utilizadas por Massi (2007), conforme já mencionado no primeiro capítulo, ao se referir ao modelo médico e/ou modelo humano.

Independentemente das publicações nas áreas fonoaudiologia, pedagogia, psicologia, etc. o que se observa é que o modelo médico é priorizado como mostra a tabela 4 abaixo que demonstra os modelos em porcentagem.

Tabela 4. Número de artigos publicados sobre dislexia na Scielo de acordo com o modelo explicativo adotado sobre o tema

Modelo explicativo	Frequência	Percentual
Modelo humano	17	30%
Modelo médico	32	58%
Não identificado	07	12%
Total	56	100%

O modelo médico predomina e se torna mais forte por influenciar acerca da visão do que venha ser a dislexia, uma vez que as primeiras pesquisas terem sido realizadas na área médica que a ganha espaço entre os pesquisadores.

Há, ainda, a necessidade de se chegar a um consenso entre o que seja a dislexia e suas verdadeiras causas e assim posicionar-se em busca de um tratamento adequado.

De um lado se perpetua o modelo médico, em que se busca conceituar e diagnosticar a dislexia, como uma doença a ser tratada, por se de cunho neurológico, que ganha espaço cada vez mais. Por outro lado, se fixa o modelo humano, que surge em oposição ao modelo médico, por analisar as causas e sintomas de forma crítica, porém se mantendo firme em questionar as verdadeiras causas da dislexia.

Assim, as explicações acerca da dislexia se iniciaram na área médica, especificamente na neurologia, sendo seguida pelo modelo “humano”, que entende os sintomas como fatos previsíveis no processo de aquisição da leitura e da escrita.

A aprendizagem é o ponto de questão para as causas e diagnósticos acerca da dislexia em ambos os modelos.

No tratamento do disléxico, no modelo médico, tende a correção da perturbação que interfere significativamente no rendimento escolar, já o modelo humano, busca superar as dificuldades da aprendizagem com metodologias e didática diferenciadas e adequada para ato ler, escrever e soletrar que se faz presente e diferente em cada faixa etária de cada sujeito.

Diante dessas oposições, de falta de consenso, cabe talvez ainda se refazer algumas questões: Quais seriam, de fato, as causas e sintomas da dislexia? Sua definição pode ser considerada “verdadeira”? Qual conceito deve ser adotado? Todas as causas estão de fato ligadas ao sistema neurológico? E os sintomas, são todos diretamente ligados a dislexia? Refletem a própria dislexia? Qual o tratamento adequado aos portadores? Qual o modelo que melhor define a dislexia, o humano ou o médico? Há de fato tantos sujeitos disléxicos? Dislexia, doença ou distúrbio neurológico?

A melhor abordagem perante um aluno disléxico é a multissensorial, isto é o professor deve facilitar a aprendizagem utilizando-se de todos os recursos (visual, auditivo, oral e tátil) disponíveis, desde que tenha consciência e critérios para a utilização.

É interessante que o professor não adote posturas de condicionar o aprendiz a condição de disléxico apontando todas as suas dificuldades para a dislexia. Mais que um observado o professor sabe que nem toda dificuldade deve estar associada a sintomas da dislexia (CAGLIARI, 2001).

Como professor em uma sala de aula heterogênea, é necessário estar preparado para as diversidades e poder lidar com as mesmas se quaisquer frustração, pois sabemos que os cursos superiores não os prepararam para certas particularidades, mas que devemos nos preparar, haja vista sermos eternos pesquisadores e fazemos parte de um grupo de profissionais que é muito importante para a sociedade e principalmente para os sujeitos disléxicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de mais de um século, várias definições foram dadas sobre a “dislexia”, que é a dificuldade de aprendizagem e, especificamente, de reconhecer letras; ela foi investigada por diferentes áreas do conhecimento e, mais recentemente, essas questões têm sido bastante discutidas, especialmente dada ao avanço nos métodos de diagnóstico.

Observa-se que várias disputas se travaram no campo científico ao longo dos tempos, alguns pesquisadores defendendo a visão de que a dislexia é uma doença de cunho neurológico e que causa dificuldades na aquisição da leitura e da escrita no período de alfabetização dos sujeitos, enquanto outros, partem da perspectiva de que essas dificuldades são normais para o período de aquisição da leitura e da escrita por ser essa fase considerada complexa para cada sujeito, na qual uns passam por ela com mais facilidades de que outros, entretanto não podendo ser esses sintomas considerados como ditos da dislexia.

Percebemos que o campo neurológico ganha espaço cada vez maior, ou seja, o campo médico, que adota uma visão orgânica da dislexia, tendo um interesse contínuo acerca dessa temática, como foi observado pelos dados apresentados ao longo deste trabalho.

No entanto, para se chegar a uma análise conclusiva da dislexia, será necessário mais pesquisas em tono da mesma. Apontando visões mais precisas do conceito, causas e sintomas da dislexia.

Com esse trabalho, a nossa intenção foi levantar questionamentos acerca das visões conflitantes sobre a dislexia e mostrar que o seu conceito é algo em construção, porém, apesar de adotados diferentes modelos explicativos há uma contribuição inequívoca para o tratamento e acompanhamento à criança disléxica.

Lembrando que deve ser levado em consideração a particularidade de cada caso, de cada sujeito na busca das causas de suas dificuldades de aprendizagem.

Consideramos que não se deve rotular as dificuldades, tampouco os sintomas de aquisição da leitura como termo disléxico. Cada ser é único e aprende de maneira diferente. Escola, família devem estar atentos as possíveis causas das dificuldades e não tratá-las sempre como uma doença, mas sim, como dificuldades que podem ser superadas com métodos adequados e por pessoas habilitadas para fazê-lo.

Consideramos ainda, que os sintomas apresentados devem ser estudados e observados com afinco, pois as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita não devem ser tratados

como uma doença, mas como algo que merece um olhar especial e particular diferenciando cada caso e cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Dislexia (ABD) www.dislexia.org.br
http://www.medsys.com.br/ultimas_not/noticias.php?cd_noticia=577> acessado em 03 de julho de 2014

Associação Brasileira de Dislexia. Definição de dislexia elaborada em 2003 pela *International Dyslexia Association*. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>> acessado em 03 de julho de 2014

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: ORTIZ, R. (Org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras; 1996

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria de ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. (1998). **A economia das trocas linguísticas** (2a ed., S. Miceli e cols., Trads.). São Paulo: Ed. USP

_____. **Campo de poder, campo intelectual, itinerário de um conceito**. Editorial Montessor, 2002.

_____. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRAGGIO, Mario Angelo. A inclusão do disléxico na escola. Disponível em: www.dislexia.org.br/material/estudantes/inclusao_dislexico.doc>. Acessado em: 08 de julho 2014

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais: MEC/SEF,1997.126p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**: 10. ed. Scipione. São Paulo, 2001.

CAPELLINI, S. A. **Problemas de Aprendizagem Relacionados às Alterações da Linguagem**. 2004. Disponível em: < fs-morente.filos.ucm.es/publicaciones/iberpsicologia/lisboa/capellini/capellini.htm>. Acessado em: 15/agosto/2014.

COLL, César PALACIOS, Jesus e MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 vol. 3

CONDEMARIN, Mabel e BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia: manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986

DAVIS, Ronaldo Dell com BRAUN, Elder M. **O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender**. Tradução: Ana Lima e Gracia Badaró Massad. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Dislexia - Psicopedagogia On Line:: Portal da Educação e
...www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=888> *acessado e 05 de julho de 2014*

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DOCKRELL, J; MCSHANE, J. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva**. Trad. Negrera, A. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

ERCOLIN, Eliza Helena. **Dislexia: mais um diagnóstico para justificar o fracasso da escola**. Revela: periódico de divulgação científica da fals. Ano II - Nº 03- Agosto de 2008 - ISSN 1982-646X. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela12/dislexia.pdf>. Acesso em 29 de julho de 2014.

FERNANDÉZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidade ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação**. Tradução: Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

_____. **Insucesso escolar: Abordagem psicopedagógica às dificuldades de aprendizagem**. 2ª ed. Lisboa: Âncora Editora, 1999

IANHEZ, M. E., & Nico, M. A. (2002). **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** São Paulo: Alegre

LOPES, Cilene Knauf.; OLIVEIRA, Carmem Inêz de. **A dislexia na ótica do Psicopedagogo.** Elaborada em 2007. Disponível em:
<http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Dislexia_Otica_Psicopedagogo.pdf>. Acesso: Julho/2011.

MACEDO, Lino de. **Ensaaios construtivistas.** São Paulo: Casa do Psicólogo,1994.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer? 2. ed.-** São Paulo: Moderna, 2006-Coleção cotidiano escolar: ação docente.

MASSI, Giselle de Athayde. **Dislexia ou processo de aquisição da escrita?** Revista Distúrbios da Comunicação. (2004).

_____. **A dislexia em questão.** *Plexus Editora, 2007, 256p.*

MELLO, S. L. (2010). Prefácio. In M. H. S. Patto (Ed.), **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia** Itatiba, SP: Casa do Psicólogo.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, M.A.C. **Intervenção psicopedagógica na escola** – Curitiba: IESDE, 2004

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. **Diagnóstico e Tratamento dos problemas de Aprendizagem.** 3 Ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

_____. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem.** Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.

PINTO, Maria Alice Leite (org) **Psicopedagogia diversas faces, múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d Água, 2003.

ROTTA, Newra Tellecha. [et al.] **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SELIKOWITZ, M. (2001). **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Revinter

SILVA, Ana Lúcia da, SOUZA, Leda Delfina de Oliveira e, CRUVINEL, Leila Delfina de Oliveira Roque. **Psicopedagogia e Dislexia: do porquê ao que fazer?** Elaborado Disponível em: [http://www.jussara.ueg.br/pos-psiopedagogia/PSICOPEDAGOGIA %20E %20DISLEXIA pdf](http://www.jussara.ueg.br/pos-psiopedagogia/PSICOPEDAGOGIA%20E%20DISLEXIA.pdf) Acesso: 07/Julho/2014

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos**. 2004. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=621>>. Acesso em: 15/Julho/2014

WOLFFENBÜTTEL, Patrícia (org). **Psicopedagogia: Teoria e Prática em discussão**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

ANEXO. Lista de artigos sobre dislexia na base de dados da Scielo (2002-2013)

TÍTULO	AUTORES	ANO	PUBLICAÇÃO
Dissociação da preferência ocular e manual em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo e dislexia	SIVIERO, Marilena Occhini	2002	Arquivos de Neuro-Psiquiatria
Avaliação de um programa computadorizado para intervenção fônica na dislexia do desenvolvimento	OLIVEIRA, Darlene Godoy de; LUKASOVA, Katerina; MACEDO, Elizeu Coutinho	2002	Psico-USF
Eficácia terapêutica do programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento	GERMANO, Giseli Donadon	2004	Unesp.br
Desempenho atencional e funções executivas em crianças com dificuldades de aprendizagem	LIMA, Ricardo Franco de; AZONI, Cíntia Alves Salgado; CIASCA, Sylvia Maria.	2004	Psicologia: Reflexão e Crítica
Transtorno do processamento auditivo (central) em indivíduos com e sem dislexia	OLIVEIRA, Juliana Casseb; MURPHY Cristina Ferraz Borges; SCHOCHAT Eliane	2004	CoDAS
Processamento auditivo e SPECT em crianças com dislexia.	SAUER, Luciane; PEREIRA, Liliane Desgualdo; CIASCA, Sylvia Maria; PESTUN, Magda; GUERREIRO, Marilisa M.	2006	Arq Neuropsiquiatria
Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória	JARDINI, Renata Savastano Ribeiro; SOUZA, Patrícia Thimóteo de.	2006	Pró-fono
Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida	CAPELLINI, Simone Aparecida; FERREIRA, Tais de Lima; CIASCA, Cíntia Alves Salgado Sylvia Maria;	2006	CEFAC
Funções neuropsicológicas em crianças com dificuldades de leitura e escrita	SALLES, Jerusa Fumagalli de; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta	2006	Psicologia: Teoria e Pesquisa
Relação entre habilidades auditivas e fonológicas em crianças com dislexia do desenvolvimento	CAPELLINI, Simone Aparecida; GERMANO, Giseli Donadon; CARDOSO, Ana Cláudia Vieira.	2007	CEFAC
Dificuldade de aprendizagem: principais abordagens terapêuticas discutidas em artigos publicados nas principais revistas indexadas no LILACS de fonoaudiologia	LIMA, Tereza Cristina Ferraz de; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves.	2007	CEFAC
Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso	CARVALHAIS, Lénia Sofia de Almeida; SILVA, Carlos.	2007	Psicologia Escolar e Educacional
Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem	SCHIMER, Carolina R; FONTOURA, Denise R; NUNES, Magda L.	2007	Jornal de Pediatria
Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia: revisão da literatura	MARTINS, Maíra Anelli; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2007	CEFAC

TÍTULO	AUTORES	ANO	PUBLICAÇÃO
Controle visual em crianças com dislexia do desenvolvimento	ALONSO, Lílian Braga; LAMAS, Fabiana Maria Gomes; SAMPAIO, Paulo Ricardo Souza; REHDER, José Ricardo Lima.	2008	Arquivos Brasileiro de Oftalmologia
Relação da memória visual com o desempenho ortográfico de crianças de 2ª e 3ª séries do ensino fundamental	BARBOSA, Patricia Manfrin Fontes; BERNARDES, Neide Guzmán Blanco; MISORELLI, Mari Ivone; CHIAPPETTA, Ana Lúcia de Magalhães Leal	2008	CEFAC
Teste de Bender com disléxicos: comparação de dois sistemas de pontuação	VENDEMIATTO, Bianca Carolina; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; SUEHIRO, Adriana Cristina Boulhoça.	2008	Avaliação psicológica
Right cerebral hemisphere and central auditory processing in children with developmental dyslexia.	RUIZ, Paulina C. Murphy; LÓPEZ, Yolanda R. Peñaloza; PEDROZA, Felipe García; POBLANO, Adrián.	2008	Arquivos de Neuro-Psiquiatria
Uso e conhecimento ortográfico no transtorno específico da leitura.	DIAS, Rosana Siqueira; ÁVILA, Clara Regina Brandão de.	2008	Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia
Desempenho de escolares com dislexia do desenvolvimento em tarefas fonológicas e silábicas	GERMANO, Giseli Donadon; PINHEIRO, Fábio Henrique; CAPELLINI, Simone Aparecida	2008	CEFAC
Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem	ZORZI, Jaime Luiz; CIASCA, Sylvia Maria.	2008	CEFAC
Mau desempenho escolar: uma visão atual	SIQUEIRA, Claudia Machado; GIANNETTI, Juliana Gurgel.	2009	Associação Médica Brasileira
Perfil linguístico, familiar e do gênero de escolares com diagnóstico de dislexia de uma clínica escola	SILVA, Nathane Sanches Marques; CRENITTE, Patrícia abreu Pinheiro.	2009	CEFAC
Discriminação fonológica e memória em crianças com dislexia e bons leitores	LUKASOVA, Katerina; BARBOSA, Anna Carolina Cassiano; MACEDO Elizeu Coutinho de.	2009	Psico- USF
Identificação precoce do risco para transtornos da atenção e da leitura em sala de aula.	CAPELLINI, Simone Aparecida; ANDRADE, Olga Valéria;	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa
Attentional performance and executive functions in children with learning difficulties	LIMA, Ricardo Franco de; AZONI, Cíntia Alves Salgado; CIASCA, Sylvia Maria.	2010	Psicologia Reflexão e Crítica
Habilidades auditivas em crianças com dislexia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade.	ABDO, Anila Gabriela Rotger; MURPHY, Cristina Ferraz Borges; SCHOCHAT, Eliane.	2010	Pró-Fono Revista de Atualização Científica
Correlações entre leitura, consciência fonológica e processamento temporal auditivo	MURPHY, Cristina Ferraz Borges; SCHOCHAT, Eliane.	2010	Pró-Fono Revista de Atualização Científica
Função motora fina de escolares com dislexia, distúrbio e dificuldades de aprendizagem	CAPELLINI, Simone Aparecida; COPPEDE, Aline Cirelli; VALLE, Talita Regina.	2010	Pró-Fono Revista de Atualização Científica

TÍTULO	AUTORES	ANO	PUBLICAÇÃO
Treinamento de habilidades fonológicas e correspondência grafema-fonema em crianças de risco para dislexia	REFUNDINI, Daniele de Campos; MARTINS, Maíra Anelli; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2010	Revista Psicopedagogia
Função motora fina de escolares com dislexia, distúrbio e dificuldades de aprendizagem	CAPELLINI, Simone Aparecida; COPPEDE, Aline Cirelli; VALLE, Talita Regina.	2010	Pró-Fono Revista de Atualização Científica
O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção.	Deuschle, Vanessa panda; CEHELLA, Cláudio.	2011	CEFAC
A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento	PESTUN, Magda S. Vanzo; CIASCA, Sylvia; GONÇALVES, Vanda Maria Gimenes.	2011	Search
Eficácia do treinamento de habilidades fonológicas em crianças de risco para dislexia.	FADINI, Cíntia Cristina; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2011	CEFAC
Relação entre achados em neuroimagem, habilidades auditivas e metafonológicas em escolares com dislexia do desenvolvimento	GERMANO, Giseli Donadon; PINHEIRO, Fábio Henrique.	2011	Sociedade brasileira de Fonoaudiologia
Aspectos prosódicos temporais da leitura de escolares com dislexia do desenvolvimento.	ALVES, Luciano Mendonça; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2011	www.readclube.com
Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso	LIMA, Ricardo Franio de; SALGADO, Cíntia Alves; CIASCA, Sylvia;	2011	CEFAC
Figura ambígua e dislexia do desenvolvimento	ALONSO, Lílian Braga; LAMAS, Fabiana Maria Gomes; SAMPAIO, Paulo Ricardo Souza; REHDER, José Ricardo Lima.	2011	Revista Brasileira de Oftalmologia
Processamento temporal auditivo: relação com dislexia do desenvolvimento e malformação cortical	BOSCARIOL, Mirela; GUIMARÃES, Catarina Abraão; HAGE, Simone Rocha de Vasconcellos; CENDES, Fernando; GUERREIRO, Marilisa Mantovani.	2011	Pró-Fono Revista de Atualização Científica
A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades.	MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula de Oliveira	2011	Paidéia (Ribeirão Preto)
Prevalência da Dislexia entre Crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico falantes do Português Europeu	VALE, Ana Paula; SUCENA, Ana; VIANA, Fernanda.	2011	Revista Lusófona de Educação
Desempenho em consciência fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita em escolares com dislexia secundária a retardo mental e com bom desempenho acadêmico	GERMANO, Giseli Donadon; PINHEIRO, Fábio Henrique; PADULA, Niura Aparecida de Moura Ribeiro; LORENCETTI, Maria Dalva LORENCETTI; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2011	CEFAC

TÍTULO	AUTORES	ANO	PUBLICAÇÃO
Coordenação motora fina de escolares com dislexia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade	OKUDA, Paola Matiko Martins; LOURENCETTI, Maria Dalva; SANTOS, Lara Cristina Antunes dos; PADULA, Niura Aparecida de Moura Ribeiro. CAPELLINI, Simone Aparecida.	2011	CEFAC
Avaliação de escrita na dislexia do desenvolvimento: tipos de erros ortográficos em prova de nomeação de figuras por escrita	AFFONSO, Maria José Cicero Oger; PIZA, Carolina Mattar Julien de Toledo; BARBOSA, Anna Carolina Cassiano; MACEDO, Elizeu Coutinho de.	2011	CEFAC
Desempenho de escolares com distúrbio de aprendizagem e dislexia em testes de processamento auditivo	OLIVEIRA, Adriana Marques de; CARDOSO, Ana Cláudia Vieira; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2011	CEFAC
Heterogeneidade entre Leitores Julgados Competentes pelas Professoras	PINHEIRO, Ângela Maria Vieira.	2011	Psicologia: Reflexão e Crítica
Programa de intervenção fonológica associado à correspondência grafema-fonema em escolares de risco para a dislexia	FUKUDA, Maryse Tomoko Matsuzawa; CAPELLINI, Simone Aparecida.	2012	Psicologia: Reflexão e Crítica
Programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento.	CAPELLINI, Simone Aparecida; SALGADO, Cíntia Alves.	2012	Pró-Fono Revista de Atualização Científica
Eficácia do programa de remediação auditivo-visual computadorizado em escolares com dislexia	CAPELLINI, Simone Aparecida; GERMANO, Giseli Donadon;	2012	Pró-Fono Revista de Atualização Científica
P300 auditory cognitive evoked potential as an indicator of therapeutical evolution in students with developmental dyslexia	ALVARENGA, Kátia de Freitas; ARAÚJO, Eliene Silva; FERRAZ, Érika; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro.	2012	CoDAS
Caracterização dos processos de leitura em escolares com dislexia e distúrbio de aprendizagem	OLIVEIRA, Adriana Marques de; CARDOSO, Monique Herrera; CAPELLINI, Simone Aparecida;	2012	Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia
Parâmetros de fluência e tipos de erros na leitura de escolares com indicação de dificuldades para ler e escrever	PONTES, Vanessa Laís; DINIZ, Natália Lisce Fioravante; REIS, Vanessa de Oliveira Martins.	2013	CEFAC
Rastreo de disgrafia motora em escolares da rede pública de ensino.	MARTINS, Marielza Regina Ismael; BASTOS, José Alexandre; CECATO, Angela Traldi; ARAUJO, Maria de Lourdes Souza, MAGRO, Rafael Ribeiro; ALAMINOS, Vinícios.	2013	Jornal de Pediatria

TÍTULO	AUTORES	ANO	PUBLICAÇÃO
Visual control in children with developmental dyslexia	CASTRO, Stella Maris Costa; SALGADO, Cintia Alves; ANDRADE, Fernando Portolani; CIASCA, Sylvia Maria; CARVALHO, Keila Miriam Monteiro.	2013	Arquivos Brasileiros de Oftalmologia
Eye-hand preference dissociation in obsessive-compulsive disorder and dyslexia	SIVIERO, Marilena Occhini; RYSOVAS, Eliana Oliveira, JULIANO, Yara; PORTO, José Alberto Del; BERTOLUCCI, Paulo Henrique Ferreira.	2013	Arquivos de Neuro-Psiquiatria
Processamento auditivo (central) em crianças com dislexia: avaliação comportamental e eletrofisiológica.	OLIVEIRA, Juliana Casseb; MURPHY, Cristina Ferraz Borges; SCHOCHAT, Eliane.	2013	CoDAS